

## Continente imaterial

Constituí para mim uma grande alegria pessoal e institucional abrir, em nome do Senhor Reitor, esta conferência sobre *Comunicação e Lusofonia*.

Em nome do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e do seu Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, saúdo todos os presentes, e de um modo particular os conferencistas convidados, muito especialmente aqueles que vieram de longe, de Timor-Leste, de Moçambique, de Angola, do Brasil e dos Estados Unidos da América, para nos acompanhar na reflexão e no debate, assim garantindo, não tenho dúvida, o maior êxito científico desta jornada.

Saúdo ainda a Comissão Organizadora desta Conferência, na pessoa da sua Presidente, a Professora Helena Sousa, a quem endereço uma palavra de agradecimento e de apreço.

Na abertura desta Conferência, *Comunicação e Lusofonia*, gostaria de lembrar o empenho genuíno e continuado da Universidade do Minho e, no caso que nos ocupa, o empenho genuíno e continuado do seu Departamento de Ciências da Comunicação, no desenvolvimento e aprofundamento da cooperação científica entre os países de expressão portuguesa.

Gostaria de lembrar, a este propósito, a realização na Universidade do Minho do III Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, em Outubro de 1999, vão decorridos exactamente seis anos.

Então como agora coube-me ser anfitrião e dirigir à assembleia uma palavra de boas-vindas. Referindo-me à cooperação científica entre os países de expressão portuguesa, falei então, e insisto em falar hoje, da promessa e do sonho de uma comunidade linguística e comunicativa nas Ciências da Comunicação. Trata-se da promessa e do sonho de uma comunidade que conta à partida com o essencial. Temos uma língua que é testemunha, em si mesma, da história que para o bem e para o mal as nossas sociedades partilharam ao longo de séculos. Temos também o facto de sermos cientistas da comunicação, activos nos

nossos distintos países. E temos o afecto que circula entre nós, por sentirmos a fundura das raízes de que uma língua comum é garantia.

Há dias, a 30 de Setembro último, a Universidade do Minho e a Universidade de Timor-Leste, através dos seus Reitores aqui presentes, celebraram um protocolo de cooperação alargada, tendo em vista, designadamente, o desenvolvimento dos estudos jurídicos em Timor-Leste, assim como o ensino do Português. Mas todos os Presidentes de Escolas da Universidade do Minho estiveram presentes, uma vez que Timor-Leste é nossa causa comum – é uma causa lusófona.

O Senhor Reitor da Universidade de Timor-Leste lembrou então que havia exactamente cinco anos que o povo timorense escolhera em referendo a via da sua independência.

Há seis anos, também em Outubro, reunidos nós aqui em assembleia lusófona de Ciências da Comunicação, por ocasião do seu III.º Encontro Lusófono, falávamos da promessa e do sonho de uma comunidade linguística e comunicativa, falávamos de um corpo-a-vir, “um corpo colorido de muitas etnias, colorido mesmo com o sofrimento do povo maubere, com a tragédia de Timor Loro Sae”.

Estávamos em Outubro de 1999. Falava eu da revolução tecnológica das Ciências da Comunicação e da Informação, com a passagem dos átomos para os *bits*. Esta realidade era todavia, afinal, uma realidade que tanto nos podia iluminar como cegar. Todos tínhamos ainda presentes e muito vivos na memória os acontecimentos de um mês antes em Timor, os acontecimentos de Setembro de 1999, e falava eu do paradoxo que acompanha a mudança tecnológica: este tempo, dizia então, “tanto é um tempo de luz como um tempo de impostura”. Expliquei depois o meu ponto de vista.

“Ainda agora, nos dias de chumbo em que a lusofonia aprendeu a soletrar Timor, vi escrito, e com razão, que quem salvou o povo maubere foram as manchetes e os editoriais do *Libération*, do *Herald Tribune*, do *Guardian*, do *New York Times*, do *Washington Post*, assim como os momentos de atenção que a BBC World e a CNN lhe dedicaram. Nesses dias de chumbo, em que aprendemos todos a soletrar Timor, vi escrito que uma rádio em Portugal, no caso a TSF, fez as vezes de um movimento social.

E nada melhor do que a televisão para nos mostrar, nesses dias de chumbo, a incapacidade da comunidade internacional perante a barbárie que sobre Timor se abateu. Nada melhor do que a televisão para nos mostrar a incapacidade da ONU e da União Europeia. Nada melhor do que a televisão para nos mostrar também a nossa irremível dependência da hegemonia americana no mundo.

[Tempos de revolução tecnológica das Ciências da Comunicação e da Informação, tempos de passagem dos átomos para os *bits*. Portanto,] tempo de luz, mas também, afinal, de irremível impostura. Esta é uma bem complexa

questão, sobretudo se conjugada com o facto de as nossas sociedades [lusófonas], ou algumas delas, não terem ainda cumprido algumas das promessas da modernidade (e eu relembro-as: liberdade, igualdade e fraternidade), ao mesmo tempo que se sentem atravessadas por traços de pré-modernidade e também, principalmente nos grandes centros urbanos, por formas de organização colectiva e de novas modalidades da experiência ética e estética, que nas sociedades centrais fazem o discurso da pós-modernidade.”

Faz agora seis anos que assim me dirigi a uma assembleia lusófona de Ciências da Comunicação aqui reunida. Na época, lançávamos a ponte que passou a congregar o desejo dos cientistas da comunicação da área da lusofonia. Mas nesse momento fundador não esquecemos que a promessa e o sonho de uma comunidade linguística e comunicativa lusófona, de um corpo-a-vir lusófono, era o de “um corpo colorido” que sentia e se preocupava “com a tragédia de Timor Loro Sae”.

Hoje o Reitor da Universidade de Timor-Leste integra um projecto de investigação de Ciências da Comunicação, trabalhando connosco, investigadores do Brasil, de Angola, Moçambique e Portugal, questões relativas à política da língua, que é um bem sério problema neste pequeno país do Sudeste Asiático. E é na condição de investigador lusófono que ele aqui se encontra, cumprindo o sonho e a promessa.

*Comunicação e Lusofonia* é, pois, o tema desta conferência. Mais do que objecto de mera curiosidade histórico-linguística ou até histórico-cultural, a ideia de lusofonia é hoje tema em que são investidos paixão e interesses que têm a ver não apenas com aquilo que os países lusófonos são como língua e cultura no passado, mas também, sobretudo, com o presente e com o destino do “continente imaterial” que estes países constituem.

Diante do imparável processo da globalização cosmopolita, que pela economia e pela tecnologia se erguem diante de nós, deslocalizando-nos, desfazendo fronteiras, diluindo memórias, virtualizando paisagens, aquilo que motiva a lusofonia como coisa sua é a globalização multiculturalista, dentro de áreas culturais específicas, uma globalização paradoxalmente regionalista, que se alimenta de um imaginário de territórios, memórias e paisagens vivos e concretos.

Pensemos na experiência que está a ser vivida no campo das migrações pela Comunidade de Povos de Língua Portuguesa (CPLP), e também no campo das suas distintas literaturas. Servidos um e outro por particulares políticas da língua, quer o campo das migrações, quer o campo das distintas literaturas constituem a cabal demonstração de que a cultura e o progresso são filhos da mistura. Podemos dizer, também, que a curta experiência desta Comunidade tem mostrado que a convergência dos países culturalmente solidários, prestando uma solidária homenagem a iguais valores da paz e do desenvolvimento,